

Equação matemática nas narrativas de Aroldo Leão

PERFIL: Escritor e professor de cálculo da Univasf, Aroldo já publicou em diversos gêneros e pretende chegar aos 200 títulos em 2020.

Suzana Alves

Escrevo pela minha alma e não é questão de salvação. É um reconhecimento de mim mesmo, uma redescoberta a cada passo dado". Em tom filosófico, o escritor, compositor e professor universitário Aroldo Ferreira Leão, não esconde que para além do planeta terra com suas intempéries e conflitos, o plano seja concreto ou abstrato das palavras é o único caminho para pensar o ser humano e seu mundo. Natural de Parnamirim, município do Rio Grande Norte, Aroldo mudou-se para Petrolina em meados de 1990. Já desembarcou com sua carga poética antenada no novo território. No Sertão do São Francisco, se jogou com garra na literatura, ao tempo que exercia suas obrigações no serviço público.

Por amor obstinado às palavras, se relevou como poeta, mas aos poucos foi escalando montanhas de outros gêneros. Vinte anos depois, já colheu as sementes de 155 títulos. Poesia, ficção, história, ensaio e crônicas dominam seus títulos lançados através de várias editoras. Agora, o professor de cálculo vai contabilizar sua narrativa no campo do romance. A princípio se chamará "Sertão: Segredo e Sentença". "Nesse que será meu primeiro romance, realizarei, uma viagem filosófico-poética na direção da alma da humanidade, buscando reordená-la, compreendê-la, vivenciá-la. Sei que a tarefa é árdua, complexa, intrigante", adianta o autor que pretende publicá-lo até o final do ano ou início de 2019.

Não seria comparação evasiva, mas a constatação matemática das geometrias traçadas pelo escritor entre palavras e números, como professor de cálculo dos cursos de engenharia da Univasf, abrem margens para sua veia crítica no horizonte literário. O escritor arremata que a matemática está nas palavras e pouca gente atina para isso. "A poesia está no cálculo e por outro lado o cálculo está na poesia. Os estudiosos e críticos deviam levar à sério essa comprovação de que há um processo

de contagem, por exemplo, no cordel e na cantoria. Tudo é escrito de forma milimetricamente", observa Leão.

Em meio aos mais de 150 livros publicados desde 1995, Aroldo nunca se ajoelhou ao esquema mercadológico e sempre apostou na suas narrativas sem barreiras. E assim o fez a cada publicação, bancando parte dos custos da maioria de suas obras, mas também teve apoio em alguns títulos. Decidiu pelo caminho da independência. "Tem que ser guerreiro e apaixonado, o mercado nunca foi fácil, a não ser para best-seller", pontua.

Libriano nascido em outubro de 1967, Aroldo Ferreira Leão, à primeira vista, é um personagem tranquilo. O símbolo do seu signo, a balança, lhe convém até porque, para ele, tudo tem peso e medidas. A primeira impressão que passa é de um homem, calado e contido. Mas quando fala, extrapola as narrativas com a vontade de explicar qualquer abordagem que lhe façam. Ele não esconde seu lado família (como pai de duas meninas) para quem busca transferir constantemente o valor da literatura e educação.

Dono de uma simplicidade incomparável, publicar para ele é uma missão estressante mas que deságua no mar da "missão cumprida com prazer". Entre os poucos mais de 150 livros publicados estão também a participação em cerca de 40 antologias. Como o Nordeste é outra paixão, sobre essa temática, escreveu um ensaio que fez sobre Lampião e o cangaço que resultou num livro de 700 páginas.

"É um livro muito interessante que mapeia algumas questões sobre esse movimento que é história do Brasil", diz ele, também simpaticamente para com a cultura popular, tanto que já se debruçou sobre a vida e obra o poeta popular João Batista de Siqueira, conhecido

Foto: Wendson Teixeira



Aroldo: "O mercado nunca foi fácil. Tem de ser guerreiro e apaixonado para fazer literatura no Sertão"

como Cancão (1912/1982), sobre quem escreveu um ensaio histórico, e lançou em São José do Egito (PE), por ocasião do centenário de nascimento do poeta, intitulado "Cancão: Os Anjos São Crianças Muito Sozinhas".

A estreia de Aroldo Ferreira na literatura foi em 1995, ao publicar "Trilogias dar Dor". Falar de sentimentos para ele, é fundamental, tanto que sempre se volta em suas leituras para os ensinamentos do filósofo Platão. Assim, ele se joga em várias vertentes e busca alinhar arte, ciência e filosofia. Consciente do papel do escritor e dos desafios de alavancar público, ele desabafa que um dos desafios de escrever no sertão é o "não reconhecimento necessário das pessoas".

"Aqui no Sertão não tem uma editora, nem meios de divulgação mais dinâmico no âmbito da cultura. Quando surge uma livraria de imediato fecha as portas. Com o avanço das tecnologias, boa parte das pessoas estão deixando de ler, mas se joga em pesquisas e leituras superficiais", avalia o poeta. Sua paixão pela literatura move suas próprias

montanhas: Até 2020 ele pretende fechar a equação matemática com 200 livros publicados.

Para o escritor, qualquer maneira de arte é bálsamo: "Já a literatura serve para mergulharmos profundamente em nós mesmos, pois através dela reinterpretamos a alma em todos os sentidos, vasculharmos o infinito no olhar das crianças e dos passarinhos, para sondarmos com precisão o frágil e combatido espírito humano. De certa forma, vivenciamos a força da memória no silêncio das mãos de um defunto, recriarmos no ser a expansão dos instantes, da vida, dos enlases do adeus no coração dos fantasmas", argumenta.

Da lavra de sua produção, Aroldo destaca os livros que considera mais importantes na versatilidade de suas narrativas: *Alma é Feita de Recriações* (2011/poesia), *Lampião: Um Estudo de Buscas e Essências* (2012/ensaio-histórico), *Crônicas e Reinvenções* (2014/Crônicas) *O Mergulho e a Inocência* (2014/poesia), *Sombras e Solidão* (2016/poesia) e *Crônicas do Alvorecer* (2018/Crônicas). []